

Cérebro à Vinagrete

Hugo Possolo

DIREITOS AUTORAIS

Este texto foi escrito especialmente para as escolas participantes do **Projeto Conexões Teatro Jovem** e fez parte do seu portfólio no ano de 2014. Qualquer montagem fora do Projeto deverá ser negociada com o autor ou seus agentes sobre os direitos autorais.

Contato Hugo Possolo: conexoes@culturainglesasp.com.br



Realização



“Quem será este desgraçado dono desta zorra toda?”

(Raul Seixas)

Personagens

Léo

16 anos, narra e vive sua história

Quim

15 anos narra e vive sua história

Totóla

15 anos

Miguel

13 anos

Peter

17 anos

Paula

17 anos

Júlia

18 anos

Marta

16 anos

Beatriz

16 anos, irmã de Berenice

Berenice

15 anos, irmã de Beatriz

Doutor Armando

40 anos, delegado, pai de Beatriz e Berenice

JotaBraga

45 anos, dono da agência de publicidade JotaBraga Associados

Wesley

30 anos, assistente de JotaBraga

Dona Mocinha

70 anos, ex-professora que trabalha na cantina da escola

Personagens de apoio

Rapaz, Secretária, Homem 1 (*ator que faz Wesley*), Outro(a) (*atriz que faz Marta*), Homem 3, João Biez e Romeu Tadeu.

Mais alguns grupos

Alunos da Escola; Várias Pessoas participantes e serviços da Cerimônia.

Rubricas

Em cena Quim e Léo narram diretamente ao público. Neste caso, a rubrica indica, no início de cada fala, (narrando). Quando não há essa indicação, Quim e Léo estão participando diretamente da ação. As rubricas indicam quando os personagens entram em cena, mas não registram sua saída, uma vez que as narrativas de Léo e Quim estabelecem o que se passa a cada momento.

Cenografia

Mais importante que estabelecer quais os ambientes narrados pelos personagens é que o palco tenha vários planos, onde diferentes ações possam se desenrolar, facilitando a divisão entre Narração e Ação estabelecida para os personagens Léo e Quim.

Cena 1

Em cena Léo e Quim.

Quim (*narrando*) – Não foi tão simples assim! Cara, eu estava diante de um coelho de dois metros de altura. A pata dele chegava até aqui... tipo quase na minha coxa. Já pensou um chute? Ou uma porrada daquele coelho gigante? Eu estaria acabado, derrotado, tipo morto ou doente pra sempre.

Léo (*narrando*) – Isso porque você é baixinho.

Quim – Baixinho é teu passado!

Léo – Nossa... que nova essa!

Quim – Eu sempre falei isso... Mas não nunca tinha pensado em enfrentar um monstro.

Léo – Não era monstro. Era um coelho gigante... Dois metros!

Quim – Tá!... E um coelho de dois metros não é um monstro?

Léo – Não. Monstros têm cara de mal e um coelho pode ter até dez, vinte, cinquenta metros e sempre terá a mesma cara de bonzinho.

Quim – Por isso que não deu certo, né, Léo?

Léo – O que é que não deu certo, Quim?

Quim – A gente...

Léo – “A gente” não deu certo porque você é muito criança!

Quim – Olha, Léo, eu vou fazer quinze, mas tenho atitudes de dezessete, enquanto você tem dezesseis e fala como uma menininha de onze.

Léo – Não gosto que falem menininha.

Quim – E o que você é?... Hashtag Adultona?

Léo (*narrando*) – Não foi nada disso. Naquele dia a gente tinha brigado. Era pra sempre... Enquanto a gente estava só ficando, era tudo bem. Mas aí o Quim inventou isso de namoro... Quem namora hoje em dia?... Foi aí que deu tudo errado.

Quim – Ou foi aí que tudo começou a se acertar.

Léo – Para, Quim!... Deixa eu contar.

Quim – Tá. Então anuncia...

Léo – O quê?

Quim – A história... Ou parte da história, antes que alguém roube essa história da gente...

Léo – Roubar?... Ninguém rouba a história de ninguém... (*para e pensa*) Quer dizer, tudo é possível!

Quim (*anunciando*) – “Cérebros vinagrete”!

Léo (*corrigindo*) – “Cérebro”, no singular... “À”, com crase... “Vinagrete”, exclamação!...Esse é o título geral!... Agora, pra começar: (*toma fôlego e anuncia, solene*) Capítulo Um: O Coelho Gigante.

Quim (*narrando*) – Depois de dois anos de namoro... Quer dizer, depois de vinte meses, oito dias e doze horas de namoro, eu, Joaquim de Passos Lobo, o desconhecido e até então medroso Quim, e minha namorada, Leocélia Amarante, a linda Léo, terminamos...

Quim (*narrando*) – Foi no dia, uma vez, quando eu fui na casa da Léo junto com meus amigos Miguel e Totóla.

Léo (*narrando*) – O Miguel até que é bem da hora, mas fica sempre rindo meio à toa. E sempre dá aquela risada.

Entra em cena Miguel e dá sua risada estranha.

Léo (*narrando*) – Essa mesmo! E pra marcar ainda fala:

Miguel (*ri novamente e depois*) – Tranquilo! Tranquilinho!

Léo (*narrando*) – Já o Totóla é bem pior!... Tem tudo pra ser esperto e é um nerd muito nerd. Tipo aquele que peida para chamar a atenção e depois diz: “Oi”.

Som de pum. Todos olham pra Totóla que entra em cena.

Totóla – “Oi.”

Quim (*narrando*) – As brincadeiras deles eram demais!

Léo (*narrando*) – As brincadeiras deles eram idiotas!

Quim (*narrando, irônico*) – Sim, quem era animal era a Marta.

CÉREBRO À VINAGRETE 63

Miguel – Esquisiiiiiiita.

Léo – Você tinha ciúmes dela, Quim.

Quim – Claro, ela era mais homem que eu.

Léo – Preconceituoso!

Quim – Não!...

Quim (*narrando*) – Mas eu sabia que a Marta era mais difícil de enfrentar que um coelho gigante.

Entra Marta.

Marta – *Losers!*... Dois baixinhos e um gordinho: o que eles vão conseguir na vida assim?

Léo (*narrando*) – É verdade que todos da nossa galera ficaram chateados que nosso namoro acabou.

Quim (*narrando*) – Era como se nós dois fôssemos os únicos a ter coragem de falar “namoro”.

Totóla – Eles brigaram?

Miguel – Não. Agora eles estão tipo amigos.

Entra Paula.

Paula (*tímida*) – Eu queria ser assim...

Miguel (*dá risada e depois*) – Tranquilo! Tranquilinho!

Léo (*narrando*) – Essa é a Paula. Essa é um pouco a história dela. Essa é a história de todos nós. Bem, isso vamos contar daqui a pouco.

Quim (*narrando*) – Você fala assim... Parece que tudo foi simples e fácil de explicar...

Para mim, não.

Léo – Você contou os dias?

Quim – Todos eles. Vinte meses, oito dias e meio. Não achei que você me quisesse nem por um dia... Então, cada dia que você não me dispensava era como um prêmio, uma vitória... Fui contando cada hora de cada um desses dias e ficando cada vez mais feliz.

Léo – Que lindo.

Quim – Isso quer dizer que você não quer terminar?...

Léo – Não, Quim. Não dá mais, entende?

Quim – Entender é a última coisa que vai acontecer. (*Tempo*) Eu só não queria estar sentindo isso.

Léo – Isso o quê?

Quim – Essa dor.

Léo – A gente vai ser amigo sempre...

Quim – Mentira.

Léo – Juro.

Quim – Deixa pra lá.

Léo (*narrando*) – Todos os dias, a cada minuto, milhões de namoros começam e outros terminam, mas quando se tem quatorze anos...

Quim (*narrando*) – E quando é o primeiro namoro...

Léo (*narrando*) – Parece que aconteceu só com você!

Quim (*narrando*) – Certas coisas só acontecem com a gente. Tipo enfrentar um coelho de dois metros. Eu estava indo pra escola, um frio de arrasar. Quando tentei entrar no ônibus ele me empurrou. Antes que eu visse quem era, já dei uma cotovelada no ar assim, pra trás... Foi um impulso, um gesto meio bobo.

Eu estava me defendendo e nem era para acertar em ninguém, mas um coelho não admite que a gente tenha atitudes próprias. Ainda mais um coelho gigante. Depois pááá!... Senti tudo sumir. Ele tinha me dado uma patada na nuca. Quando percebi, eu estava deitado na calçada. Só aí que entendi que era um coelho, um enorme coelho, de dentes brancos e pelos brancos, com uma cara muito boa, mas cheio de um ódio vermelho naqueles olhos. Levantei rápido. Não quis mostrar que eu estava com medo. É muito difícil explicar o medo. Muito mais difícil do que explicar porque um coelho, já grande e imenso, ainda pega ônibus para ir para a escola.

Música forte. Mudança de cena.

Cena 2

Léo (*narrando*) – Paula era bem quieta e meio travada. Conversar, só conversava comigo. Não precisava estudar para saber as coisas. Parecia que já tinha nascido sabendo. (*anuncia solene*) Capítulo Dois: Os Sonhos da Paula!

Paula entra em cena.

Léo (*narrando*) – Parecia que uma coisa não tinha a ver com a outra, mas tinha. Sei lá. Eu estava contando para Paula a parada da minha mãe ter morrido quando eu era bem pequena.

Léo conta sua história para Paula.

Léo – Cara, eu era tipo bem pequena... Eu não lembro se senti. Na verdade, nunca soube o que era ter mãe nem pai. Minha avó me criou com tanto carinho... Só fui entender quando já tinha uns dez anos, na piscina do clube. A Tati jogou a boia e quando fui pegar ela falou que aquilo era dela. Eu nem liguei e me segurei pra não afundar. Aí a Tati começou a puxar a boia por uma cordinha, me levando assim pro fundo, meio que tentando ou ameaçando me afogar...

Paula – Por quê?

Léo – Tem gente que é assim, mimada, não pode ser contrariada.

Paula – E você se afogou?

Léo – Não. Acho que foi até pior...

Paula – Pior?

Léo – É. Ela me deixou sozinha no meio da piscina... E saiu gritando que eu não tinha mãe... Rindo e falando meio cantado, bem idiota: “Órfã não sabe nadar!

Órfã não sabe nadar!”

Paula – Louca.

Léo – Me deu muita vergonha, cara.

Paula – Dez anos?... E você não sabia mesmo nadar?

Léo – Não, não sabia. Tinha medo, sei lá. Meus avós são muito velhos... Nunca conseguiram... Acho que nem tentaram me ensinar.

Paula – E a tal Tati sabia disso?

Léo – Sim. Fez de propósito... para que eu chorasse, pedisse socorro...

Paula – E não tinha ninguém pra te ajudar?

Léo – Tinha. E me tiraram de lá... Mas o que doeu era aquela voz aguda repetindo: “Órfã não sabe nadar! Órfã não sabe nadar!”

Entra Marta.

Marta – Quem é órfã?

Léo – Eu.

Marta – Ué!... E a Tia Laila, não é sua mãe?

Léo – Não. Ela é minha avó... meio-mãe também, né.

Marta – Sempre achei ela muito velha pra ser mãe.

Paula – Mãe ela é, Marta. Mãe da mãe da Léo.

Marta – Nossa, nunca tinha ouvido sua voz, Paula. Sua voz é tão bonita.

Paula – Você já me disse isso.

Marta – Disse? Quando?

Paula – Ontem.

Marta – Você nunca vai me dar atenção, garota?

Paula – “Garota”?...

Marta – Não gosta de garota?

Paula – Não gosto do jeito que você fala “garota”, isso sim.

Marta – Tão sensível... Você deve ser tão suave e delicada.

Léo – Marta, para de encher a Paula.

Paula – Deixa, Léo...

Marta – Essa aí, um dia ainda vai me querer.

Léo – Que mania que você tem, Marta, de achar que todas as meninas gostam de mulher.

Marta – Gostam. Fingem que não, mas gostam.

Júlia entra em cena.

Léo – Olha a Júlia!... (*para Marta*) Sua namorada taí, Marta. Conta pra ela que você estava xavecando a Paula...

Paula – Não fala assim, Léo...

Léo – Desculpe, Paula... É que, às vezes, a Marta me tira do sério.

Marta – Júlia, sabia que a Léo não gosta que chamem ela de órfã.

Júlia – Mas ela não é órfã... É?

Entram Beatriz e Berenice.

Marta (*vendo Beatriz e Berenice*) – Ih, agora abriram a porta do hospício!

Beatriz – Oi Marta! Oi Júlia!

Berenice – É. Oi Marta! Oi Júlia!

Beatriz – Oi Paula! Oi Léo!

Berenice – É. Oi Paula! Oi Léo!

Beatriz – E aí, que vocês estão fazendo?

Berenice – É. E aí, que vocês estão fazendo?

Léo (*narrando*) – Era assim mesmo. O que Beatriz falava, a Berenice repetia. Igualzinho.

Eram irmãs, claro. Se vestiam igual e sempre se repetiam, mas não eram gêmeas. A

Paula dizia que elas eram um “Eco Delirante”. E eu gostava das definições da Paula. As

meninas não gostavam muito dela, só porque ela era muito quieta, fechada, mas eu sempre gostei dela.

Quim (*narrando*) – Parecia um outro mundo. A Léó nem era tão mais velha que eu... A gente meio que cresceu junto. Não entendo.

Miguel – O Peter falou que não vai jogar hoje.

Quim – Por quê?... A gente tinha combinado.

Miguel – Ele falou que estava indo procurar emprego.

Léo (*narrando*) – D epois, eu estava no pátio, com a Paula e o “Eco Delirante”, Beatriz e Berenice. Aí me afastei delas um pouco. Tinha uma janela onde eu sempre apoiava minha cabeça e ficava olhando pras sombras que formavam no porão. Era uma viagem que eu tinha, sei lá. De repente, uma sombra me pareceu viva demais. Eram duas pessoas. Uma era homem com certeza, apressando o outro ou outra...

Homem 1 – Vai!... Esconde logo!

Outro(a) (*com uma folha de papel na mão*) – Não dá!... Não tenho coragem.

Homem 1 – Dá esse gabarito aqui!... (*arranca a folha do Outro(a) e enfia no bolso*)

Outro(a) – Isso já é loucura...

Homem 1 – Tem muita grana envolvida.

Outro(a) – Se pegarem a gente...

Homem 1 – Nunca! Está tudo armado. A prova é só no dia dez. Tudo no esquema. Sossega.

Léo (*narrando*) – Na hora eu gritei!

Léo volta à ação.

Léo (*para as meninas*) – Gente!... Gente!

Paula – Que foi?

Léo(*narrando*) – Mas aí eu me toquei!... Se eu falasse o que tinha visto...

Léo volta à ação.

Léo – Nada!... Eu viajei.

Beatriz – Tá louca, Léo?... Precisa gritar assim?!

Berenice – É. Tá louca, Léo?... Precisa gritar assim?!

Léo (*narrando*) – Elas nem se tocaram de nada. Nem sei se os caras... Ou o cara e a mina... Sei lá... Acho que não perceberam e quando olhei de volta já não estavam mais no porão. Se eu não tivesse ouvido eu podia jurar que eram apenas sombras. As meninas foram pra aula. Eu não tinha mais aula... Estava indo embora quando a Paula voltou.

Paula – Você ficou muito assustada, né?

Léo – Nada, Paula. É que às vezes eu sonho acordada... Muito.

Paula – Acho que eu não sei o que é isso...

Léo – Sabe sim.

Paula – É. Imagino tantas coisas...

Léo – E não fala.

Paula – Isso.

Léo – Você é muito tímida, Paula. (*começa a sair e volta*) Gostei que você voltou para saber como eu estava.

Paula – Você é a única que conversa comigo.

Léo – Ou a única que você procura para conversar.

Paula – Eu queria falar mais... Outro dia sonhei que eu estava num carrossel todo feito de pedrinhas brancas e vidro. Uma coisa tão linda. Eu e Júlia, cada uma de nós montada em um cavalo que ia girando levemente. Parecia música e era silêncio.

Não tinha mais nada em volta, só o céu e a gente voando ali. (*tempo*) Bobagem!

Léo – E você não contou esse sonho pra ela?

Paula – Nunca.

Léo (*narrando*) – Eu percebi naquele instante que a Paula tinha mudado seu jeito, mais solta, falando sem medo. E começou a me contar vários de seus sonhos.

Alguns tão bonitos que eu achei que era eu que estava sonhando.

Paula – E uma asa alaranjada crescia e se abria nas minhas costas, me livrando de tudo. Era como se eu estivesse protegida de qualquer coisa. E estava. Uma luz intensa tomou conta do meu corpo e eu sentia que poderia mudar. Mudar tudo. Mudar todos.

Léo – Paula, seus sonhos são tão bonitos e você conta com palavras tão delicadas...

Paula – É. Eu escrevo...

Léo – Escreve os sonhos?

Paula – Alguns. Às vezes invento... Gosto de poesia.

Léo – Você escreve poesia?

Paula – É. Nem sei se são mesmo poesias...

Léo – É que você não deixa ninguém te conhecer de verdade. Você falando já é pura poesia.

Música. Mudança de cena.

Cena 3

Quim (*narrando*) – Nada é tão simples que não possa ficar bem complicado. (*anuncia solene*) Capítulo Três: Peter, Júlia e o Futuro!

Em cena Peter, Secretária e Rapaz.

Peter – Onde?

Secretária – Ali atrás... Pode se sentar que já vamos chamar para a entrevista.

Peter – Oi... Você também está esperando pra entrevista do estágio?

Rapaz – Estou. É uma vaga só.

Peter – Boa sorte.

Rapaz – Pra você também.

Secretária (*para o Rapaz*) – Sua vez. Pode entrar.

Rapaz e Secretária saem. Peter, sozinho, vê um envelope na cadeira onde estava o Rapaz. Lê e olha o que tem dentro. Depois, Peter levanta e coloca os documentos embaixo de uma pilha de papéis na mesa da Secretária.

Volta a se sentar. Volta o Rapaz em cena.

Rapaz – Oi, desculpe... Acho que deixei meus documentos e currículo num envelope aí em cima... Estou tão nervoso...

Peter – Não, não acho que não tá aqui, não.

Quim (*narrando*) – Gosto de aventuras desde que eu não participe delas!... Esse sempre foi o meu lema desde a pré-escola. Tenho sobrevivido. Já a minha imaginação vive histórias incríveis!

Em cena Peter e Wesley.

Peter– Prestei também, mas a lista só sai daqui duas semanas. E ainda tem a PREG.

Tomara que eu passe. Meu sonho é ser publicitário.

Wesley – Aqui é o melhor lugar pra aprender.

Entra JotaBraga.

JotaBraga – Não. Aqui é o melhor lugar para trabalhar!...

Quim (*narrando*) – Prestem atenção! Esse é o JotaBraga. O dono da agência de publicidade JotaBraga Associados. A lembrança desse momento se repetia na minha cabeça.

JotaBraga, Wesley e Peter retrocedem suas ações e retomam:

Wesley – Aqui é o melhor lugar pra aprender.

Entra JotaBraga.

JotaBraga – Não. Aqui é o melhor lugar para trabalhar!...

Quim (*narrando*) – Entendem?... O JotaBraga poderia nem ter entrado nesta parte da história. Sim, mas na verdade, isso aconteceu. O Peter nem estava empregado lá e já conheceu o JotaBraga pessoalmente, assim do nada. As coincidências não acontecem assim do nada... Ou acontecem do nada e a gente inventa que as coisas são coincidências... Será que as coincidências são invenções da gente?...

Nossa, viajei.

Léo – Quim?...

Quim – Que foi?

Léo – Eu estou tão assustada... A Júlia está lá em casa... A mãe dela não pode saber...

Quim – Não estou entendendo.

Léo – Não conta pra ninguém...

Quim – Fica calma e me explica!...

Léo – A Júlia, Quim... A Júlia engravidou. En-gra-vi-dou.

Quim – Peraí, mas ela não é...

Léo – Não dá pra acreditar...

Quim – E a Marta?... A Marta sabe?... Velho, como é que isso aconteceu?...

Léo – Na Balada dos Capricornianos, lembra?... A Marta não foi, sei lá. A Júlia ficou com o Peter. Ninguém sabia... Quer dizer, o Peter ficou apaixonado por ela, quis ficar mais, ficou mandando whatsapp, ligando... Mas para ela foi só aquilo.

Para ela é a Marta e mais ninguém. Tipo esqueceu o que o rolou. Aí tem duas semanas que ela descobriu que estava grávida e contou pro Peter. O Peter saiu da casinha... enlouqueceu. Quer assumir, ter filho. Disse que queria casar com ela. Saiu procurando emprego, estágio... sei lá.

Quim – Ele conseguiu um estágio na JotaBraga.

Léo – Foi por isso!

Quim – Deve ter sido... Eles vão ficar juntos? Vão ter que casar?

Léo – Não. A Júlia não gosta de meninos...

Quim – Meu deus, como mulher é confusa!...

Léo – Hoje de manhã eu vi a Júlia no pátio da escola e nem imaginava... Engraçado que eu não sabia de nada, mas quando vi a Júlia tive uma sensação estranha. Fui me apoiar como eu sempre faço...

Quim (*completando*)...com a testa na janelinha do porão...

Léo – Isso. E vi uma coisa muito estranha.

Quim – O quê?

Léo – Dois homens... Ou um homem e uma mulher, sei lá... Eles estavam escondendo... roubando o gabarito... Tenho certeza que é da PREG! A prova estadual não é no dia dez?

Quim – Léo a gente tem de contar isso pra alguém... Na diretoria. Foi algum aluno?

Léo – Não. Era um cara velhão e um ou uma... Pode ter alguém da diretoria envolvido.

Como é que esses caras sabiam que o gabarito estava lá?...

Quim – Para! É muita informação de uma vez só. Melhor ir cuidar da Júlia. O que eu posso fazer pra te ajudar?...

Léo – E os gabaritos?

Quim – A gente vai descobrir o que aconteceu, juntos. Mas, primeiro, a Júlia. Vem!

Quim (*narrando*) – Quando a gente entrou naquele corredor escuro eu sabia que a Léo ainda gostava de mim. Ela segurou forte na minha mão. De repente, eles vieram, guerreiros em armaduras, com espadas enormes, na nossa direção. Eu?

Enfrentando dezoito guerreiros? Qual menina não se sentiria apaixonada?...

Léo – Acorda, Quim!...

Quim – Estou com medo. Eu sempre tenho medo, Léo.

Léo – Tá tudo certo. Foi bem aqui que os caras pegaram o gabarito.

Quim – O depósito é do outro lado. Não faz sentido.

Léo – Faz. Se eles precisavam entregar os gabaritos para alguém daqui da escola, aqui no porão é o melhor lugar.

Quim – Não. Eles devem ser aqui da escola e tinham que entregar para alguém de fora.

Léo – Como?...

Quim – Para manter o esquema de outras vezes... Se alguém de dentro rouba e pegam, nunca mais roubam. Mas, se pegam esse alguém com o gabarito, é melhor que seja alguém de fora!... Entendeu?... Assim sempre alguém da escola pode sempre passar o gabarito pra frente...

Léo – E por que não passam isso lá fora?

Quim – O quanto antes se livrem do que roubaram, melhor pra eles. Ninguém da escola deve ficar com o roubo, nem aqui dentro.

Léo – Bom, eles passam pra alguém que não é da escola. Tudo bem.

Quim – Viu? Você tem razão, não podemos contar pra ninguém da diretoria.

Léo – Mas, esse alguém deve poder entrar sempre na escola.

Quim – Quem?

Quim (*narrando*) – A lista de pais, monitores e gente de outras empresas que visitavam a escola era enorme. Tinha uns duzentos nomes. Juro que eu preferia estudar para uma prova de Química!... Muito mais fácil!

Léo – Vamos procurar a polícia!... A gente não vai dar conta... Não vamos descobrir nada.

Quim – Demorou.

Léo – Espera aí! Que é isso aqui? (*pega um botton sem imagem do chão*)

Quim – Parece a parte de um botton... Sabe esse alfinete que segura um botton?...

Olha aí. *(passa para Léo)*

Léo – Engraçado... A parte com a imagem soltou. Deve estar por aqui. Vamos,

Quim, vamos procurar.

Quim *(narrando)* – Os guerreiros avançavam e eu tinha que enfrentar um a um. Coragem, Quim, você vai conseguir!... Dei um soco e derrubei o primeiro guerreiro. A espada dele caiu no chão e com ela enfrentei o segundo e o terceiro. Mas eram dezoito e o primeiro já estava de pé outra vez! Não sei se vou conseguir fazer isso... Pela Léo eu faço tudo! Faço muito mais!...

Léo *(narrando)* – Era tudo muito estranho. Não podíamos deixar aquilo sem explicação. E eu tinha que voltar pra casa para levar a Júlia até a casa dela. E mentir pra mãe dela. Ou contar a verdade. Sei lá.

Em cena Marta e Júlia.

Marta – Cara, eu nunca vou entender...

Júlia – Me perdoa, Martinha.

Marta – Eu não gosto que você me chame de Martinha. Eu me chamo Marta.

Marta, só isso.

Júlia *(carinhosa)* – Mas você ainda é minha Martinha, não é?

Marta – Eu tinha tantos planos com você, garota.

Júlia – Não fala desse jeito.

Marta – Que jeito? Você sai com um cara, engravida e ainda vem me dizer como eu tenho que falar. É isso?...

Júlia – Martinha?...

Marta – Vaca.

Júlia – Não faz isso... Eu preciso de você.

Marta – Mas não me ama, não me respeita. Já era!... Tô fora.

Música. Mudança de cena.

Cena 4

Léo (*anuncia solene*) – Capítulo quatro: A Descoberta de Miguel e Totóla!

Em cena Miguel e Totóla. Miguel se equilibra sobre os ombros de Totóla.

Miguel – Você tá louco, Totóla?...

Totóla – Miguel, já fiz isso um milhão de vezes.

Miguel – Um milhão?

Totóla – Tá bom, fiz duas vezes.

Miguel – Duas?

Totóla – Mas já é o suficiente pra saber que dá certo, Miguel.

Miguel – Duvido!

Totóla – De quê?

Miguel – Que tenha sido duas vezes.

Totóla – Na verdade, foi uma. Essa é a segunda. Que eu posso fazer se eu sou mais gordinho? Gordinho é a base. E você que é pequeno, sobe. Simples.

Miguel – Eu sabia!... (*sobre os ombros de Totóla, tentando alcançar uma janela*) Totóla, assim eu vou cair!

Apoiam-se e Miguel consegue espionar pela janela.

Totóla – Fala baixo!...

Miguel (*falando baixo*) – Não entendi uma coisa.

Totóla – O quê?

Miguel – Entraram umas seis pessoas na Secretaria e não tem ninguém ali nem na sala do Professor Wilson.

Totóla – Vai ver eles saíram.

Miguel – Daria pra ver daqui, imbecil.

Totóla (*irônico*) – Quanto amor no coração, Miguel.

Miguel – A Léo acha que um deles é que roubou os resultados da prova da PREG.

Totóla – E a gente vai encontrar para usar na prova?

Miguel – Claro que não!... Ainda mais eu que sou a segunda melhor nota da escola.

Totóla – Segunda?

Miguel – É. Você é a primeira.

Totóla – Então por que a gente está espionando?

Miguel – Para descobrir e denunciar.

Totóla – Sei. E a fama de resolver tudo vai pra Léo e pro Quim, o lindo casal de namorados!

Miguel – Pode ser. Só que eles não estão mais namorando. E, depois, o mais importante é que fizemos nossa parte!

Totóla – Ainda não sei por que a gente tá fazendo isso?

Miguel – Porque eles são nossos amigos e pediram pra gente investigar. Você entendeu a importância disso? Somos parte de uma investigação, integrados na vida social de nossa escola, membros de uma comunidade. Somos parte de um todo!...

Totóla – Sei. Um todo que só despreza a gente.

Miguel – Mas que precisa de nós!...

Léo (*narrando*) – Sim, nós precisávamos deles! Acontece que o Totóla e o Miguel não eram assim os mais habilidosos para esse tipo de tarefa.

Quim (*narrando*) – Não fale assim, Léo. Você quer contar tudo do seu jeito. Os dois não são realmente os melhores para enfrentar situações de perigo, mas se não fossem eles...

Barulheira. Totóla e Miguel levam um enorme tombo.

Entram Léo e Quim no mesmo plano que eles.

Quim – Que foi isso?

Totóla – Foi o Miguel!

Miguel – Foi o Totóla!... Não foi você que disse que fez isso um milhão de vezes?

Quim – Espera! Que é isso?...

Léo (*narrando*) – Quando Miguel e Totóla caíram, uma parte da prateleira da Secretaria veio junto e abriu uma porta. Era uma espécie de passagem secreta.

Quim (*narrando*) – Espécie? Léo, era uma passagem secreta! Que mania que você tem de duvidar que certas coisas acontecem de verdade!

Quim e Léo em plano separado.

Léo – Não acredito!... Que é isso?

Quim – Parece uma reunião... Uma missa.

Léo – Missa?

Quim – É. Tipo um ritual. Só não tem velas.

Léo – A coisa é toda muito séria. Isso vai dar merda, Quim.

Quim – Agora a gente já está aqui, Léo. Tira umas fotos!

Léo – Meu celular tá sem bateria.

Quim (*pegando o celular e fotografando*) – Tá!... Já tô tirando.

Léo – Gente, que roupa é essa?... Por que eles se vestem com armaduras?

Quim – Isso não é bem uma armadura...

Léo – Para quê essa gente está aí? E por que roubaram os gabaritos?... Muito estranho.

Muito louco. Vamos embora, Quim.

Quim – Vamos. Vou fazer mais umas... A gente sai daqui e vai direto pra delegacia!

Léo – Vem, Quim!... Isso é muito perigoso!... Quem são eles? Guerreiros?

Quim – Não. Acho é que tipo uma seita.

Léo – Essas armaduras devem ser para que um não reconheça o outro.

Quim – Ou pra que ninguém de fora reconheça cada um deles.

Léo – Espera!... Tem um saindo ali... Vamos seguir ele e descobrir quem é.

Quim – Melhor não. Quero ir embora.

Léo – Vai! Eu posso seguir ele sozinho.

Quim – Não. Vou com você. Melhor em dupla.

Léo – Isso! Somos uma dupla, parceiro!

Quim (*narrando*) – Aquilo mexeu comigo: “uma dupla!” Minha parceira. Gente, eu amo essa mulher... Tá bem, não é uma mulher mulher, mas é uma gata linda que eu quero de volta, namorando comigo.

Quim e Léo voltam ao plano onde estavam Totóla e Miguel.

Totóla – E aí?

Miguel – O que vocês viram?... Contem pra gente!...

Léo – Miguel, Totóla, vão rápido pra minha casa. A Júlia já tá lá e chamem as meninas...

Quim – O Peter também.

Léo – A Paula, a Marta e o “Eco Delirante”: Beatriz e Berenice. Fala pra todo mundo ir pra minha casa... Daqui meia hora.

Quim – Uma hora, melhor.

Totóla – A Marta também?... Ela me zoa muito, mano.

Léo – Ela é inteligente, vai ajudar.

Miguel (*risada*) – Tranquilo! Tranquilinho!

Quim – Rápido, senão a gente não vai descobrir quem é aquele cara da armadura.

Totóla (*saindo*) – Armadura?... Que demais!

Léo (*narrando*) – Eu não deixaria o Quim sozinho. Ele é muito menino, sei lá. Seguimos o homem com armadura... Ele desceu até um lugar no estacionamento. Eu e o Quim, conseguimos ver ele entrar num quartinho e uns minutos depois...

Quim – Não acredito!...

Léo – Não!

Quim – É o Doutor Armando...

Léo – O pai da Beatriz e da Berenice.

Quim – Sabe o que isso quer dizer?

Léo – Que ele é delegado, que não podemos ir na polícia.

Quim – Merda.

Léo (*narrando*) – Estava difícil de entender o que era aquilo tudo. Para mim, era só uma coisa de grana, de alguém que roubou o gabarito para vender. Mas o que a gente viu era muito estranho mesmo.

Quim (*narrando*) – E é óbvio que o Miguel e o Totóla fizeram confusão. Um mandou as meninas chegarem em meia hora e outro em uma hora...

Em cena Júlia e Paula.

Júlia – Paula?

Paula – Oi, a Léo está aí?... (*caindo em si*) Que idiotice, é claro que está, é a casa dela. Ela marcou com você também?

Júlia – Não... Ela não está... quer dizer, ela já deve estar voltando. Ela marcou com você?

Paula – É. O Totóla me mandou mensagem para vir pra cá urgente: “em meia hora!”.

Júlia (*depois de um tempo*) – A Léo te contou alguma coisa?

Paula – Não. (*tempo*) Ela te falou alguma coisa sobre mim?

Júlia – Não.

Longa pausa. As duas fi cam meio sem graça.

Paula – É. Então, eu queria te ver...

Júlia – Me ver?

Paula – Achei você muito triste hoje de manhã.

Júlia – Tipo uns problemas, sabe.

Paula – Sei. (*tempo*) Será que eu posso te ajudar?...

Júlia – Não. Tá tudo bem... É que eu... (*chora e abraça Paula repentinamente*) Eu não sei o que fazer. Não sei!...

Paula – Calma, Júlia, calma. Quê que aconteceu?

Júlia – Cara, não conta pra ninguém... Só a Léo sabe...

Paula – O quê?

Júlia – Eu estou grávida, Paula. Grávida.

Paula – Que lindo!

Júlia – Como “lindo”?... (*alterada*) É um problema! Um enorme problema, entende?!...

Paula (*calma e delicada*) – Não. É lindo. Talvez um pouco cedo demais, mas é lindo. (*fazendo graça*) Às vezes eu olho pro céu, de noite, procurando pela lua... Mas não é uma noite de lua. Sumiu a lua? Sumiu a lua? E aí eu fico angustiada. Não deveria. (*séria*) Tem um tempo certo pra lua aparecer.

Júlia – (*rindo*) Nunca pensei que ia rir numa parada dessas. Mina, você é muito maluca.

Paula – É só não olhar tudo igual e do mesmo jeito.

Júlia – E eu que achava você tão certinha... De repente, dizendo esse tipo de coisa.

Léo (*narrando*) – Estavam todos lá, na minha casa, no meu quarto. Todos com o mesmo problema: sem saber o que fazer!

Quim (*narrando*) – Felizmente a Beatriz e Berenice chegaram por último e deu tempo de contar pra galera sobre o pai delas.

Em cena Marta, Beatriz, Berenice, Júlia, Paula, Peter, Totóla e Miguel.

Peter – Está na cara que é um lance de grana.

Quim – Mas a gente viu... Todos vestidos de armaduras, parecia um ritual desses de filme...

Léo – Muito assustador, tá ligado.

Quim – Pensei em contar para alguma pessoa que não fosse assim... tipo como a gente...

Marta – Você quer dizer, um adulto...

Miguel – Mas a gente já é quase adulto!

Léo – Não ainda.

Paula – A gente é jovem. Nos sentimos como adultos...

Totóla – E não somos mais crianças!...

Paula – Não queremos parecer crianças, isso sim.

Quim – Gente, a coisa é séria! Aconteceu um roubo. É o gabarito da PREG, tá ligado.

Júlia – O que quer dizer PREG mesmo, hein?

Miguel – Prova Estadual Geral. É uma das mais importantes para se obter pontos pra entrar na faculdade.

Beatriz – Vou ligar agora pro meu pai!...

Berenice – É. Vou ligar agora pro meu pai!

Todos – Não!

Quim – Olha só... Beatriz e Berenice, seu pai é da polícia, mas é melhor ele não saber de nada por enquanto, entende?

Léo – Vocês vão ser umas das partes mais importantes do nosso plano...

Totóla – Nós temos um plano?

Júlia – Cala a boca, Totóla. *(puxando Totóla de lado. Para ele, à parte)* Não vê que Léo está disfarçando?...

Léo – Já sei! Vocês duas serão o nosso alarme.

Beatriz – Alarme?

Berenice – É. Alarme?

Léo – Espera. Eu já explico.

Peter – Não podemos falar com a polícia. Isso está certo. E se a gente pedisse ajuda para alguém que não seja da polícia?

Quim – Quem?

Peter – Posso falar com o dono da agência onde eu trabalho... meu patrão...

Júlia – Mas, Peter, você mal começou a trabalhar lá...

Peter – O JotaBraga é um cara esperto, publicitário. Tá ligado em tudo de novo que rola, velho.

Léo – Não sei.

Marta – Acho que o Peter está certo. É alguém que não tem nada a ver com a escola. Se quiser, eu vou junto com ele pra falar com esse cara.

Léo – Mesmo, Marta?

Marta – Claro.

Paula – Tem uma coisa que a gente precisa entender e ainda não sabe.

Beatriz – O quê?

Berenice – É. O quê?

Totóla – É. O quê?

Miguel dá uma leve cutucada, repreendendo Totóla.

Paula – Deve ter um motivo, uma razão para terem inventado essa seita. Ou ela existe faz tempo... Ninguém faz parte de uma religião, de uma seita ou de coisa assim, sem motivo.

Miguel – Sei lá, eles usam armaduras, devem acreditar em cavaleiros, bruxas, dragões...

Totóla – Eu tinha um Playmobil de cavaleiros!...

Paula – Dom Quixote!...

Totóla – Pronto, a Paula saiu da casinha!...

Miguel – Não, Totóla, pode ser isso mesmo... Seja Dom Quixote ou qualquer outro tipo de história que fale de cavaleiros... Alguma coisa pode nos dizer do que se trata essa religião...

Paula (*corrigindo*) – Seita.

Miguel – Dom Quixote era tipo um sonhador que acreditava que era um grande fidalgo, um cavaleiro nobre... Só que a época de glória deles já tinha passado.

Deve ser uma seita de sonhadores. Bem, pessoal, vou contar a primeira aventura de Dom Quixote. Ele saiu...

Léo – Isso pode ajudar, Miguel, mas não precisamos saber a história toda agora.

Paula – É só uma suposição...

Quim – Temos que descobrir o que acontece dentro da escola...

Léo – Sim, temos que investigar o que eles estão fazendo.

Peter – Agora, sim, temos um objetivo: descobrir o que é essa seita.

Marta – E como vamos fazer?

Quim – Vamos vigiar os passos de todos da secretaria e da diretoria. Um dos dois que roubou o gabarito devia usar um botton... (*mostra*) Ficou só esse pedaço. Deve ter algo que complete aqui. Prestem atenção. Esta é nossa primeira pista.

Totóla – Nossa!... Estou adorando isso.

Léo – Vamos fazer assim: a Marta e o Peter vão até a agência; eu e o Quim voltamos pra secretaria, na passagem secreta; o Totóla e o Miguel ficam na diretoria...

Totóla – Que demais!... Nunca fui mandado pra diretoria.

Quim – Paula, você podia fazer uma pesquisa sobre isso de Dom Quixote e cavaleiros...

Talvez encontre alguma coisa sobre uma seita antiga, uma sociedade secreta...

Léo – Pode usar meu computador. Está ali.

Beatriz – E nós duas?

Berenice – É. E nós duas?

Léo – Bem... Vocês... Vocês ficam aqui com a Júlia. Vocês vão receber as mensagens no celular... Copiem todos, sempre. Lembrem-se, vocês são o nosso alarme.

Beatriz – Alarme!

Berenice – É. Alarme!

Quim – Quando eu enviar a senha... a senha... como é?...

Miguel – “Peixe-espada!”

Léo – Boa. “Peixe-espada” é a senha.

Totóla (*à parte para Miguel*) – “Peixe-espada”?

Miguel (*à parte para Totóla*) – É a senha que usa o personagem de uma série que eu curto.

Quim – Quando eu enviar “peixe-espada” na mensagem é para todos virem para cá. Se alguém não voltar em quinze minutos vocês duas...

Beatriz – Chamamos o papai! Chamamos a polícia!...

Berenice – É. Chamamos o papai! Chamamos a polícia!...

Léo – Não! A polícia, não. O pai de vocês não pode saber...

Quim – Nunca.

Marta – E se ele souber, vai sobrar para vocês!... Lembra daquela vez do cinema?

Vocês ficaram mais de um mês sem poder sair de casa. Querem isso de novo?

Querem?

Léo (*narrando*) – De boa, a Marta era incrível. Ela tinha um dom de falar, meio agressiva, meio suave. Aquilo era a nossa garantia de que as duas não falariam nada para o pai.

Música. Mudança de cena.

Cena 5

Léo (*narrando*) – Quase ninguém tinha percebido a tristeza da Júlia. Ela participou da reunião, mas não estava bem... E ainda teve que ficar vigiando para que o “Eco Delirante” não estragasse tudo... (*anuncia solene*) Capítulo Cinco: A decisão de Júlia!

Quim (*narrando*) – Ficamos a tarde inteira escondidos, tentando descobrir mais alguma coisa. O tempo passava e a Léo ficava cada vez mais linda.

Léo – Que foi?

Quim – Nada. Estava olhando pra você.

Léo – Eu percebi. Mas a gente veio aqui pra vigiar...

Quim – Mas não tem nada o que vigiar, Léo. Eu só queria te dizer...

Léo – Olha lá! Vem vindo alguém.

Quim – São dois caras...

Léo (*narrando*) – Não. Não eram os mesmos caras que tinham roubado o gabarito.

Em outro plano, Homem 2 e Homem 3.

Homem 2 – Tudo pronto?

Homem 3 – Sim, o Grande Dragão exigiu que o banquete fosse servido para a cerimônia.

Homem 2 – Hoje venceremos nossa primeira tarefa ancestral!

Homem 3 – Claro, estamos no caminho da verdade.

Homem 2 – Nunca imaginei que fosse possível roubar pensamentos.

Homem 3 – Vamos conseguir! A cerimônia será um sucesso!...

No plano de Quim e Léo.

Quim – Eu ouvi isso?... Não acredito.

Léo – Essa seita ou seja lá quem forem esses caras... Eles querem é roubar pensamentos.

É isso?

Quim – Temos que ficar aqui para ver essa cerimônia.

Léo – Vamos gravar tudo.

Quim – Carregou seu celular?

Léo – Claro, Quim.

Quim (*narrando*) – A Léo tinha esse jeito de dizer “claro, Quim”. Ela nunca lembrava de carregar o celular, mas quando eu perguntava ela respondia, como se nunca tivesse esquecido nada: “claro, Quim”.

Léo (*narrando*) – Às vezes acho que o Quim não gosta mesmo de mim. Que ele quer é mandar em mim. Mas desta vez ele está assim tão... tão... delicado, sensível... É muito bom ter o Quim ao meu lado. Me sinto assim mais segura. Sei lá.

Quim (*narrando*) – Os coelhos gigantes não pensam. Ou pelo menos, eu acho que não pensam. Na verdade, eles são até bem espertos. E vivem nos ameaçando. Aquelas carinhas fofas, meio abobadas, não me enganam. Eu sei o quanto eles são terríveis. Eu sempre encontro coelhos gigantes que me ameaçam e nunca sei bem o que fazer.

JotaBraga – O que vocês estão me contando é muito sério.

Wesley – JotaBraga, o que podemos fazer para ajudar esses meninos?

JotaBraga – Vocês devem estar muito assustados. Peter, você tem o endereço da casa da Léo?

Peter – Claro. A gente veio de lá...

JotaBraga – O Wesley vai até lá para acalmar as meninas. Eu vou até a escola... Marta e você, Peter, vêm comigo até a escola. Você tem de tirar os meninos... como é?...

Marta – Miguel e Totóla.

JotaBraga – Isso. *(para Peter)* Você tem que tirar eles da diretoria e levar até o porão.

Peter – O senhor conhece a nossa escola?

JotaBraga – Estudei lá... Faz muito tempo. *(para Marta)* Marta, você vai procurar a Léo e o Quim. Eles não podem ficar lá. Devem ir para o porão também. Sem chamar a atenção de ninguém da escola.

Peter *(pegando o celular)* – A gente passa uma mensagem agora!

JotaBraga – Melhor não!... E se eles já foram pegos?... Vão descobrir que a gente está indo pra lá. Você não disse que tem até um delegado envolvido? Isso pode ser muito perigoso. Temos que agir com calma.

Quim *(narrando)* – Antes de mais nada, os coelhos gigantes são sorridentes. Seus grandes dentes brancos provocam simpatia na gente.

Em cena Peter e Wesley.

Peter – Wesley, posso te pedir um favor?...

Wesley – Claro.

Peter – Você não fala nada para ninguém?

Wesley – Fica tranquilo.

Peter – Quando você estiver com a Júlia, diz para ela que estou fazendo isso por ela.

Wesley – Olha, Peter, isso que está acontecendo não é nada demais. Tem muita fantasia nessa conversa. Acho que essa tal de Léo e esse Quim estão aumentando muita coisa nisso tudo. Sabe gente que vê uma coisa, mas acrescenta muita imaginação na hora de contar? Na boa, não está acontecendo nada demais.

Peter – Não tem nada a ver com tudo isso...

Wesley – Então, o que é?

Peter – Bem... Uma coisa difícil...

Wesley – Fala, sou teu amigo, confia em mim.

Peter – É que a Júlia está grávida. E eu... Eu sou o pai.

Wesley – Olha, Peter, você está aqui há pouco tempo, mas eu vejo que você é um menino bacana, que tem muito que crescer. Deixa que eu falo com sua namorada e ela...

Peter – Ela não é minha namorada.

Wesley – Então, deixa que eu falo com ela.

Peter – Tá, mas é que...

Wesley – Você não quer se dar bem aqui?

Peter – Quero. Claro que quero... E o que uma coisa tem a ver com a outra?

Wesley – Você não me pediu ajuda?

Peter – Pedi.

Wesley – Deixa comigo.

Peter – Vamos lá, a Marta está esperando a gente.

Léo (*narrando*) – Eu não gostava do Peter. Era esquisito ele ser amigo do Quim.

Ele era um pouco mais velho e não tinha nada a ver com os outros... Não gostei quando ele sugeriu procurar o JotaBraga. No quê aquele cara podia ajudar a gente?

Em cena Marta e JotaBraga.

Marta – Tenho certeza. Eles falaram que o delegado... o pai das gêmeas estava lá.

JotaBraga – Você devia ter me ligado na hora, Marta!... Esse idiota vai atrapalhar a gente!

Marta – Elas não vão ligar pro pai. Eu mesma dei um susto nelas...

JotaBraga – Você não pode se revelar para essa menininha imbecil dessa Léo. Se ela perceber, vai dar merda... Espera aí!?... Ela não é filha... neta da Laila?

Marta – Ela mesma.

JotaBraga – Não pode ser... Essa mulher sempre no meu caminho!

Marta – O quê? Não entendi. JotaBraga, você conhece a Dona Laila?

JotaBraga – Sim. Não!... Nada que você precise saber. E esse menino, Peter? Dá para confiar nele?

Marta – Sussa. Acho que se o senhor oferecer alguma coisa, ele entra na nossa rapidinho.

JotaBraga – Ótimo. Veja com Wesley um jeito de trazer ele pro nosso lado. Não podemos estragar essa noite.

Quim (*narrando*) – O mergulho foi profundo. Debaixo d'água tudo estava em câmera lenta. Somente movimentos suaves. Era um lugar impressionante, cores e movimentos únicos, inesquecíveis. O que mais assustava era o silêncio. Com tudo quieto, sem som nenhum, ali pensamos que encontramos a paz, mas não.

Essa é a hora em que qualquer coisa pode acontecer. E essa qualquer coisa pode ser o pior.

Em cena Wesley e Júlia.

Wesley – Primeiro, você tem que ficar mais calma. Aconteceu com você. E pode acontecer com todas as meninas, sempre.

Júlia – E o que Peter falou?

Wesley – Então... Eu aconselhei e ele acabou concordando... Vocês são muito jovens. Não precisam estragar a vida assim tão no começo...

Júlia – Foi o que ele disse?

Wesley – Não. Foi o que eu disse para ele. Eu já convenci o Peter... Para ele, o que você decidir está bom. Ele te apoia no que você quiser fazer.

Júlia – Tirar?

Wesley – Você me disse que não quer saber dele.

Júlia – Gosto dele, é um cara assim... Eu não amo o Peter. Mas isso...

Wesley – Júlia, estou oferecendo pagar tudo pra você e pro Peter... Você vai ver, daqui a uma semana, você nem vai se lembrar de nada. Muito melhor.

Júlia – Será que a Marta vai me entender?

Wesley – A Marta estava junto comigo, do meu lado, quando eu conversei com o Peter.

Júlia – Bom, não sei. Acho que...

Wesley – Vai ser melhor.

Júlia – Sim, melhor. (*tempo*) Escuta, Wesley, eu estou muito angustiada. Quando?

Wesley – Deixa só resolver essa besteira que a Léo e o Quim inventaram sobre prova roubada e seita misteriosa, que a gente cuida disso. Só não sai daqui enquanto eu não ligar. E não deixa aquelas meninas ligarem pro pai, pode ser muito perigoso se elas fizerem isso.

Quim (*narrando*) – Com muito esforço é preciso buscar ar. O folego está acabando e a força pra ir para cima é enorme. Parece que não vai dar tempo de chegar à tona. Até que a cabeça sai d'água e o ar entrando é uma sensação de alívio como nunca tinha acontecido antes. E você pensa: será que vou mergulhar de novo?...

Léo – Quim, será que isso é uma coisa que já acontece há muito tempo aqui na escola?

Quim – Por que você acha isso?

Léo – Não sei. Se for uma seita, ela não deve ter nascido do nada. Deve ter uma tradição.

Quim – Sua mãe não estudou aqui?...

Léo – Minha mãe... quer dizer, minha avó-mãe que me criou, não, mas a minha mãe, sim.

Quim – E você nunca ouviu falar de nenhuma história diferente?

Léo – O seu Armando, pai da Beatriz e Berenice... A vó Laila me falou que ele resolveu virar policial por causa de alguma coisa que aconteceu aqui na escola.

Quim – E o que foi?

Léo – Não lembro. Sei que isso da Berenice sempre repetir o que a Beatriz diz, tem a ver. Sempre achei que era brincadeira da minha mãe. Mas acho que faz algum sentido. Aquilo não é normal.

Quim – Velho, será que essa seita é tipo uma bruxaria? Será que o delegado enfeitiçou as próprias filhas? Será que ele é um bruxo daqueles bem cruéis que vai matar todos os alunos da escola? Cara, muito louco isso tudo!...

Léo – Quando me contaram que minha mãe morreu, primeiro me falaram de um acidente... Depois de um tempo, começaram a dizer que tinha sido uma doença, que ela não resistiu. E aí toda vez que falam da doença fica um chiado aqui na minha cabeça, tipo é mentira, sei lá. Será que sempre me esconderam alguma coisa?

Quim – Você está viajando, Léo!... Querendo *linkar* tudo. Querendo que tudo tenha a mesma explicação!... Também não é assim.

Léo – E a Dona Mocinha?

Quim – A da cantina?! É verdade. Deve ter a ver, sim.

Léo – Que história doida!

Quim – Sempre achei que era uma lenda urbana. Tem um monte assim... Tem um blog que...

Léo (*interrompendo*) – Estou começando a achar que a lenda da Dona Mocinha aconteceu mesmo, cara.

Música. Mudança de cena.

Cena 6

Os dois (*anunciando solenes*) – Capítulo Seis: A História da Dona Mocinha!

Os dois contam a lenda. As ações narradas são representadas em cena por Dona Mocinha e outros atores.

Quim – Dona Mocinha era professora da primeira série. Ensinou muita gente, tipo os pais da gente, a ler e escrever.

Entra Dona Mocinha, como uma professora, carregando alguns livros.

Léo – Com ela se passou uma história, uma lenda.

Quim – Ela era uma moça muito bonita.

Dona Mocinha se enfeita como se estivesse diante de um espelho.

Léo – Contam que certo dia ela estava chegando mais cedo na escola e que, de repente, começou a ver um monte de latas caindo do céu.

Dona Mocinha vê as latas caindo e ela abaixa e pega uma para ver.

Quim – Eram muitas latas que caíam do céu. Estava chovendo latas. Latas de leite condensado.

Léo – Dona Mocinha se protegeu sob um toldo da escola. Não tinha ninguém por perto.

Ela gritava por socorro e não aparecia ninguém.

Dona Mocinha se esconde e grita por socorro.

Quim – Coitada, ficou desesperada, não conseguia entender o que estava acontecendo.

Léo – Alguns contam que uma lata atingiu a cabeça dela, muito forte.

Lata atinge a cabeça de Dona Mocinha, que desmaia.

Quim – Outros contam que ela enlouqueceu vendo tantas latas caindo do alto até o chão, sem entender como aquilo era possível.

Dona Mocinha se levanta e começa a catar as latinhas do chão.

Léo – Sei que a partir daquele momento passou a xingar em uma língua que ninguém conhecia.

Dona Mocinha xinga as pessoas que passam em uma língua inventada.

Quim – Ela teria achado que era o fim do mundo. E o que rolou mesmo é que ela nunca mais foi a mesma.

Léo – Foi como se ela envelhecesse trinta anos de uma única vez.

Efeito transforma Dona Mocinha em uma velha.

Quim – E assim, a professora Tia Mocinha passou a ser chamada de Dona Mocinha, uma senhora meio estranha, abobada, sem respostas para nada. Sempre xingando em uma língua desconhecida.

Dona Mocinha, agora velha, vaga pela cena, desorientada e xingando.

Léo – Como Dona Mocinha era muito sozinha e não tinha família, a diretoria da escola na época não quis mandá-la embora...

Quim –... porque professora ela não dava mais conta de ser.

Léo – Então resolveram deixar Dona Mocinha morando na escola. E colocaram ela trabalhando na cantina, ajudando a fazer os lanches.

Dona Mocinha faz os sanduíches da maneira como descrito por Quim.

Vários atores representam os Alunos pegando os sanduíches em torno dela.

Quim – Dizem que os sanduíches da cantina são assim achatados, finos e esmagados, por causa da raiva dela. Apesar de parecer boazinha dizem que ela aperta a prensa imaginando que os sanduíches são os alunos, que ela tem raiva, muita raiva de todos. E que enquanto faz os lanches imagina esmagar um a um.

Dona Mocinha grita de raiva. Os jovens se assustam. A maioria sai de cena.

Léo – Ouvi até que Dona Mocinha vinha recolhendo cachorros vira-latas pelas ruas e que, de noite, ela matava e fazia salsichas para os hot dogs da cantina.

Dona Mocinha recolhe cães da rua.

Quim – Aqui na escola são realmente cachorros-quentes!!! De verdade, que nojo!

Um dos jovens passa mal por ter comido um hot dog.

Dona Mocinha sai da cena rindo exageradamente.

Música. Mudança de cena.

Cena 7

Quim (*narrando. Anuncia solene*) – Capítulo 7: A esperteza de Peter!

Em cena Peter, Miguel e Totóla.

Peter – E aí, conseguiram descobrir alguma coisa?

Totóla – Acho que nesta diretoria ninguém trabalha... O lugar é parágrafo!

Miguel – Não deu pra saber nada de nada.

Peter – Que bom.

Miguel – Como “que bom”?... Bom seria se a gente tivesse descoberto alguma coisa.

Peter – Não é isso. O JotaBraga veio pra cá comigo. Ele está dando a maior força, vai ajudar a gente.

Miguel – E onde ele está?...

Peter – Ele falou para eu vir aqui e levar vocês para o porão...

Totóla – Eu não vou pra lá nem amarrado! Aquele lugar é um horror! Nunca!

Peter – Que é isso, Totóla?... Vai amarelar?...

Miguel – O Totóla está certo. Melhor a gente ficar aqui... Esse é o nosso posto.

Ninguém mandou mensagem no celular.

Peter – Deixa eu ver. (*pegando o celular de Miguel*) E no seu, Totóla?

Totóla – Não tem nada também.

Peter – Dá aqui.

Totóla hesita, mas entrega o celular nas mãos de Peter, que coloca os dois aparelhos em seu bolso.

Miguel – Quem esse JotaBraga acha que é para interferir no nosso plano?

Peter – Olha, Miguel, nós é que fomos pedir ajuda, tá ligado.

Miguel – E a Marta?... Ela não estava com você?

Peter – A Marta foi chamar a Léo e o Quim para também irem para o porão.

Totóla – Para lá eu não vou!... Ninguém vai me obrigar! Aquele lugar tem baratas.

Peter – Se der alguma coisa errada, a culpa vai ser de vocês. Claro, depois vocês vão se fazer de vítimas, que ninguém quer saber de vocês... Beleza, tudo certo. Tem um cara, inteligente como o JotaBraga, querendo ajudar e vocês dois com frescura de “não vou pro porão! Que horror!”, “Ai, tenho medo de barata!”... Que é isso?... Será que não pensam? Por isso, ninguém gosta de vocês.

Miguel – O quê?

Peter – É isso. Ninguém da escola gosta de vocês. Vocês dois se acham muito espertos, só porque estudam muito, porque sabem de tudo, mas ninguém olha, ninguém dá atenção pra vocês... Entendi. É que no fundo vocês querem ser apenas os *nerds* bobocas. Vocês querem que todos passem por vocês e nem olhem!

Totóla – Que é que ele tá querendo dizer, Miguel?

Miguel – Ele tem razão, Totóla. Todo mundo vai achar que somos dois imbecis...

Léo (*narrando*) – Miguel e Totóla foram os primeiros a cair na armadilha.

Em cena Miguel e Totóla.

Totóla – “Todo mundo vai achar que somos dois imbecis!”... Por que eu fui te ouvir, Miguel?!...

Miguel – É. Vacilei.

Totóla – Não! Você me fez ficar preso neste porão!!! E eu odeio esse porão!!!

Miguel – Por que esse Wesley trancou a gente aqui?...

Totóla – Miguel, se liga! Está na cara que esse Wesley, esse JotaBraga, essa agência de publicidade deles têm a ver com isso tudo!... Esses caras vendem sabão em pó há trinta anos e dizem que é “novo”! Eles gostam de enganar as pessoas.

Quim (*narrando*) – O peixe-espada, não! Ele não vê o fundo do mar como ameaça.

Para ele o silêncio é bom, mas ele prefere o mar revolto. Só que ele sabe que é na hora da tempestade, quando o mar está bem agitado, que ele pode descansar de tudo. Nenhum pescador arriscaria vir buscar o peixe-espada no meio da tempestade.

Léo (*narrando*) – A gente foi muito rápido, cara! Assim que o Quim viu o delegado, a gente se escondeu!... O pai da Beatriz e da Berenice colocou a tal armadura e, antes de entrar, ficou mexendo em tudo como se procurasse algo perdido. Sei lá.

Quim (*narrando*) – A agonia do peixe-espada é ser puxado por um anzol em direção à tona. Ele sabe que, se passar daquela linha que separa água e ar, ele vai morrer.

Vai morrer.

Em cena Marta e JotaBraga.

Marta – Eles não estão mais lá!

JotaBraga – Como não?... Se eles saíssem teriam avisado a todos...

Marta (*olha no celular*) – Ninguém mandou a senha até agora!

JotaBraga – Que senha?

Marta (*debochando*) – “Peixe-espada”!... É uma senha falsa que o Quim inventou. Uma enrolação. Só pras duas gêmeas terem o que fazer e não fossem falar com pai delas.

Beatriz e Berenice são duas lesadas, fica tranquilo. E, depois, o Wesley já passou lá. Está tudo tranquilo.

JotaBraga – Não sei se essa Léo voltou pra casa ou está escondida.

Marta – Eu e o Wesley já isolamos os dois nerds.

JotaBraga – Temos que começar. Mas fique atenta, pode ser que a Léo e o Quim ainda estejam por aí.

Quim (*narrando*) – O peixe-espada mal mordeu a isca e já resiste com todas as suas forças! Tenta recuar e ficar debaixo d'água. Puxa anzol e linha em arrancadas para trás! Mas se, por azar ou descuido, for arrancado para fora, ele saltará violentamente para o ar, riscando as ondas e desenhando no céu um grito que não é de desespero.

Em cena Wesley e JotaBraga.

JotaBraga – E as meninas?

Wesley – Não sabem de nada. Sem problemas. Já comprei a namoradinha do Peter. Agora, temos tempo para a cerimônia.

JotaBraga – O Armando ainda é um problema!... Avise a todos que devem verificar um a um antes da cerimônia. Ele já participou, sabe as regras...

Wesley (*mostrando a imagem que deveria estar no botton*) – Perdi o troço que segura minha insígnia... Onde que foi parar?...

JotaBraga (*pegando a imagem e grudando no paletó de Wesley*) – Cola isso aí e pronto!... Não temos mais tempo. Traz o Peter aqui!

Léo (*narrando*) – Quantas vezes eu confiei de cara em alguém e, depois, descobri que era tudo falso? Parece que a gente tem que viver desconfiando. Que saco.

Em cena Peter, Wesley e JotaBraga.

JotaBraga – Olha aqui, Peter, se você quiser, tudo ficará bem para você. O Wesley já conversou com a Júlia, vamos te ajudar. E muito.

Peter – Mas... O que eu tenho que fazer?

Wesley – Do nosso lado, sua vida será outra. Já temos dinheiro para resolver o seu probleminha. Está tudo certo.

JotaBraga – Mande uma mensagem avisando as meninas para virem para cá.

Peter – O que eu digo para elas?...

Wesley – Que já conseguimos recuperar o gabarito da PREG.

JotaBraga – Chame todas para uma comemoração. Elas são minhas convidadas para um jantar.

Peter – Jantar?...

JotaBraga – Sim, um daqueles que elas nunca participaram na vida!

Quim (*narrando*) – É o grito mudo da derrota! É hora da entrega, quando o peixe espada sabe que perdeu e quer mostrar que o que vale é lutar.

Cena 8

Léo (*narrando*) – Mal eu e o Quim tínhamos encontrado um lugar pra gravar tudo, a coisa começou!

Os dois (*anunciam solenes*) – Capítulo Oito: O Banquete dos Ladrões de Pensamento!

Léo (*narrando*) – De repente, eles começaram a chegar.

Quim (*narrando*) – Alguns tinham capas enormes e outros, armaduras. Não dava para ver o rosto de nenhum deles.

Léo (*narrando*) – Também não dava para imaginar que aquele lugar fosse tão grande.

Quim (*narrando*) – E tão bem escondido, bem no meio, entre a secretaria e a biblioteca!

Léo (*narrando*) – Parecia mágica...

Quim (*narrando*) – Era mágica, Léo! Era mágica!

Toca uma música imponente. A cena é ocupada por Várias Pessoas cobertas por grandes capas e por armaduras, trazendo escudos e lanças. Uma grande mesa é posta. Como um ritual, todos ocupam lugares à mesa. Nela tem um lugar de destaque para o líder, o Grande Dragão, que é o último a entrar. Todos fazem reverências ao Grande Dragão.

Grande Dragão (*saudando a todos*) – GRANDE DRAGÃO Vitar! Vitar! Vitar!

Grande Dragão faz um sinal e todos se sentam.

Um assistente retira o próprio elmo e mostra o rosto, é Wesley.

Wesley – O Grande Dragão vai iniciar a primeira tarefa ancestral!

O Grande Dragão retira seu elmo e mostra o rosto, é JotaBraga.

Os outros líderes da cerimônia revelam seus rostos.

Os serviçais continuam com rostos cobertos por máscaras.

Em plano separado, Quim e Léo observam tudo.

Quim – Caraca, o diretor, o professor Wilson, a Dona Edith secretária... Estão todos envolvidos!

Léo – Quem é esse cara, que é o líder?

Quim – Nunca vi aqui na escola...

Léo – Engraçado... Acho que já vi esse cara.

Quim – Não estou vendo o doutor Armando.

No plano na Cerimônia:

JotaBraga – Tragam os jovens ginetes para a iniciação!

Serviçais trazem dois jovens: Romeu Tadeu e João Biez.

Quim – Você está gravando, Léo?

Léo – Não é possível! São os dois piores alunos da escola: o Romeu Tadeu e o João Biez.

No plano na Cerimônia:

JotaBraga – Darvut, inter dest!

Em seguida, JotaBraga faz um gesto e entram serviçais mascarados que servem pratos fundos nos quais trazem pequenos cérebros ensopados.

Léo – Aquilo ali é o que eu estou pensando?

Quim – Será?... Parece...

No plano na Cerimônia:

JotaBraga – É hora de saborear os cérebros!

Quim e Léo (*juntos, um para o outro*) – Cérebros?

No plano na Cerimônia:

JotaBraga – Todos nós, Cavaleiros da Ordem do Dragão, comeremos junto aos nossos ginetes iniciados: Romeu Tadeu e João Biez. Depois eles ficarão em repouso. A digestão das ideias levará até três dias.

Léo – É isso mesmo?... Eles vão comer cérebros?

Quim (*narrando*) – Eu quase vomitei!

No plano na Cerimônia:

JotaBraga – Daqui a três dias os nossos novos cavaleiros participarão da PREG!...

Quim – Devem ser de macacos... Eu sei que na Malásia comem cérebro de macaco.

No plano na Cerimônia:

JotaBraga – Assim, a Ordem dos Cavaleiros do Dragão terá certeza de que podemos absorver pensamentos! Lembrem-se: esse é apenas o começo de tudo! Ainda conquistaremos muitos pensamentos!

Léo – Peraí!? Se eles querem roubar pensamentos, esses cérebros não são de macaco.

Devem ser de gente!...

Quim – Para, Léo! Eu... Ai, eu tô ficando muito enjoado...

Léo – Quietos, Quim!...

Léo (*narrando*) – Pobre Quim, não resistiu e...

Quim vomita fazendo barulho. A música para.

O líder faz um gesto e um serviçal se dirige até Léo e Quim, fl agrando-os.

Quim (*narrando*) – Eu já tinha visto coisas muito mais nojentas. Não sou de frescura, juro! Mas aquilo não deu para aguentar e... (*vomita outra vez*)

Enquanto Léo e Quim narram, se desfaz a cena da cerimônia, saindo todos de cena.

Léo (*narrando*) – Quando pegaram a gente quem quase vomitou fui eu. Um mascarado levou a gente até o porão e nos trancou numa sala pequena, escura e abafada.

Quim (*narrando*) – Naquela hora eu descobri que ter medo não é bem problema.

Faz parte...

Léo – Vai, Quim, faz alguma coisa!

Quim – Tipo, o quê?...

Léo – Se liga, eles não pegaram os nossos celulares!

Quim – Meu celular já era. Eu vomitei nele todo. Morreu. E o seu?

Léo (*acenando “não” com a cabeça*) – Bateria. (*percebe Quim enfurecido*) Não vem com sermãozinho!...

Quim (*imitando e debochando de Léo*) – “Claro, Quim!... Eu coloquei pra carregar!”

Em outro plano, em cena Miguel e Totóla.

Miguel (*chamando, de longe*) – Léo?!... Quim?!... São vocês?

Léo – Miguel?...

Miguel – Léo, eu e o Totóla estamos presos aqui. Solta a gente!

Quim – A gente também está preso aqui do outro lado.

Miguel – O tal de Wesley prendeu a gente... O Peter que nos trouxe até aqui!

Totóla – Esse porão é horrível! Quero sair daqui!

Léo – Calma, Totóla!... A gente vai dar um jeito.

Quim – Vai?

Quim (*narrando*) – Assim fiz, até deixar uns quatro cavaleiros no chão, para não mais se levantarem, aí os outros recuaram um pouco. Tinham dúvidas. Sabiam que eram maioria. Sabiam que tinham mais armas. Mas também sabiam que eu tinha mais motivos, mais certezas, mais paixões.

Em cena Wesley, Marta e JotaBraga.

Wesley – E aqueles bostinhas metidos? Que fazemos com eles?

JotaBraga – Vamos antecipar e realizar a segunda tarefa ancestral!

Marta – Achei que isso de tarefa era só para iludir...

JotaBraga – Vamos cortar a cabeça da Léo e do Quim! Vamos comer os seus cérebros!!!

Música forte. Mudança de cena.

Cena 9

Os dois (*narrando. Anunciam solenes*) – Capítulo Nove: Que é a verdade?

Léo (*narrando*) – Nunca o tempo foi tão devagar. A gente estava presa ali não fazia meia hora, mas parecia uma eternidade. A gente ainda não sabia que o que eles queriam era cortar nossas cabeças e comer nossos cérebros. Então, nossas dúvidas eram bem mais agradáveis.

Quim – Léo, o que esses loucos vão fazer com a gente?

Léo – Parece coisa de filme...

Quim – Mas não é!... E não temos o que fazer?

Léo – Ficar com medo também não vai ajudar.

CÉREBRO À VINAGRETE 91

Quim – Eu não estou com medo... Estou em pânico!

Léo – Calma. Se a gente não sonhar...

Quim – Léo, volta comigo?...

Léo (*carinhosa*) – Eu te adoro, Quim.

Quim – Adora?

Léo – Te amo.

Léo e Quim se beijam. Entra Serviçal mascarada, interrompendo o beijo.

Serviçal (*dando ordem*) – Os dois, mãos para trás!

Léo – Quim, ela está com a mesma roupa daquele ou daquela, sei lá, que roubou o gabarito...

Serviçal – Fica quieta, garota!

Léo – Marta?

Marta (*retirando a máscara*) – Eu mesma.

Léo – Que bom que é você!... Que alívio. Marta, você é demais!... Viu, Quim, não falei que estavam vindo salvar a gente?...

Marta – Salvar? Tá louca, Léo?... Vim aqui preparar o seu fim. Que é o que eu mais quero na vida! Sua trouxa!

Quim (*narrando*) – Quando quatorze cavaleiros não estão nem aí se você tem motivos, certezas ou paixões. Quando eles não ligam se você lutaria bravamente até a morte... Se você tem forças vindas de lugares misteriosos, pouco importa...

Quando é assim, eles te desprezam. Pode congelar de medo, porque o fim está chegando.

Em cena Paula e Júlia.

Paula – Você quer fazer mesmo isso?...

Júlia – Sei lá. Nunca tinha pensado em ser mãe...

Paula – Muita gente não quer ter filhos...

Júlia – É. Mas quando eu era criança, eu sonhava, sim.

Paula – Então, esse “nunca tinha pensado” não é verdade.

Júlia – Sou muito jovem ainda, saca.

Paula – Isso é o que você acha mesmo ou o foi que te disseram?...

Júlia silencia, refl exiva.

Paula – Eu... Eu queria te mostrar uma coisa... Não sei se tenho coragem.

Júlia – O quê?

Paula – Eu fiz uma poesia pra você.

Júlia – Pra mim?... Achei que você estava ali fazendo a pesquisa sobre cavaleiros...

Paula – É. Me veio isso... (*mostra a poesia na tela para Júlia*) O título é “A Noite que virá”.

Júlia (*lendo*) – “Os que não sabem esperar a lua
contam dias como homens esperando a guerra,
tão certos da incerteza,
com medo de morrer.

Os que não sabem esperar a lua
deitam água da fonte sonhando um sabor que jamais desfrutarão.

A lua virá em suas noites de vontade,
livre como ela só,
pulsando sexo e azuis
que só a noite conhece.

Os que não sabem esperar a lua
desacreditam no sangue anunciando a fertilidade.

Não sabem dos peixes e das marés.

Não sabem porque pensam somente com a cabeça
e não aceitam olhar a imensidão
só por ser ela imensidão.

Os que não sabem esperar a lua
só aceitam o tempo do dia,
esquecendo o que a madrugada arrasta
em seu vagar lento e silencioso,

frio de orvalhos e
vento gelado solto,
que o nada anuncia.
Os que não sabem esperar a lua
apenas acreditam que esperam,
esperando cansados
um sem fim
no qual sempre irão buscar
uma explicação que nunca virá.”

Júlia beija Paula.

Léo (*narrando*) – Estava difícil juntar tudo: a Marta que eu sempre gostei e que me odeia não-sei-porquê, o Grande Dragão, que é o tal JotaBraga, aquele Wesley estranho... E ainda tinha o Peter, o traidor, que não estava com eles. Uma seita dentro da minha escola? De cavaleiros?... E agora eu, o Totóla e o Miguel, amordaçados, deitados nesta mesa, em volta deste monte de facas e o Quim, o meu Quim, pendurado de ponta-cabeça, pronto pra ser mergulhado num barril cheio de água. Sei lá. Era tipo o fim.

Em cena Totóla, Miguel e Léo deitados numa mesa. Quim está pendurado sobre um tonel. JotaBraga, Marta e Wesley diante deles.

JotaBraga – Vamos fazer o mesmo com todos.

Wesley – Quando mais sangue na cabeça, melhor.

JotaBraga – Uma a uma, resfriem bem a cabeça na água gelada. Primeiro deixem que se afoguem, para depois cortar a cabeça. Não quero crueldade. É apenas um ritual.

Léo (*narrando*) – Precisa descrever tudo que vai fazer?... Melhor! Assim ganhamos algum tempo. Não! Parem! Resolveram baixar o Quim, que foi mergulhando a cabeça na água, sem relutar, como um herói. (*Grita*) Nãããã!!!... (*narrando*) Eu não aguentei! E

tudo escureceu para mim! *Blecaute. A cena fica assim, no escuro, por um tempo.*

Quando volta a luz, a disposição anterior das personagens está desfeita. Em cena estão

Doutor Armando, segurando Léo, mais Quim, Miguel e Totóla.

Léo – Eu desmaiei?

Armando – Foi.

Quim – É o pai da Beatriz e Berenice! Ele também usa armadura!

Miguel – Nós vamos morrer!

Totóla – Quero voltar pro porão! Quero voltar pro porão!

Armando – Calma!... Sou da polícia.

Totóla – A gente sabe! E é da seita! Você não me engana!

Quim – Não bastava a Marta?! Aquela traíra!

Miguel – E o Peter?! Ele mandou a gente ir até o porão e eles prenderam a gente!

Entra Peter.

Armando – Calma! Foi o Peter quem salvou vocês! Ele ligou pras minhas filhas. Elas me contaram tudo que estava acontecendo.

Peter – Espera, galera! Calma! Tá todo mundo muito nervoso, aqui. Nós conseguimos evitar...

Totóla – Peter, você levou a gente até aquele porão horroroso!... E prenderam a gente lá!

Peter – Eu não sabia que isso ia acontecer... Eles estavam me enganando o tempo todo. Depois eu reparei no paletó do Wesley aquela etiqueta, aí me toquei que era a parte do botton que a Léo achou que tinha soltado... Tive que fingir para eles não me pegarem também...

Armando – O JotaBraga e o Wesley queriam o Peter do lado deles.

Peter – Aproveitei para entender o que eles queriam, o que iriam fazer.

Armando – O JotaBraga queria provar que pode roubar pensamentos.

Quim – É mentira! Esse delegado é da seita dos Cavaleiros!... Ele estava de armadura, aqui, antes de começar a cerimônia.

Armando – Olha só, eu já fui um Cavaleiro da Ordem dos Dragões.

Léo – O que é essa Ordem dos Dragões?

Armando – Uma sociedade secreta que preserva os valores da Cavalaria...

Léo – Tipo arrancar cabeças e comer cérebros? Que valores, hein?!

Armando – Olha aqui! Vocês agiram muito mal! Resolveram fazer uma investigação por conta própria e se meteram numa grande encrenca. Tinham que ter avisado a polícia!

Agora estou aqui e vai ficar tudo bem.

Miguel – E eles? Onde foram?

Peter – Conseguiram fugir na hora em que apagamos a luz...

Quim – Os outros caras de armaduras vão vir... Tipo fodeu.

Armando – Já avisei a delegacia... Eles não escapam.

Quim – Eles iam comer meu cérebro!

Léo – Já tinham comido alguns na cerimônia.

Armando – Eram de cachorros...

Quim – Ah, eu vou vomitar de novo!

Armando – No fundo, o JotaBraga estava usando e enganando a Ordem dos Dragões. O roubo do gabarito que você viu era para passar o resultado para aqueles dois meninos, o

Romeu Tadeu e o João Beiz.

Quim – Coitados. Duas antas...

Miguel (*cantarolando, debochado*) – Romeeeeu, já deu!

Totóla (*cantarolando, debochado*) – João Beizzzzz... tá!

Armando – Então... O JotaBraga fez todos da Ordem acreditarem que se os meninos mais fracos da escola comessem cérebros de duas pessoas inteligentes, passariam nos primeiros lugares da PREG.

Peter – Só que o JotaBraga tinha o gabarito da prova.

Armando – Que o Wesley e a Marta roubaram.

Peter – E que eu peguei de volta!

Armando – Se tudo desse certo, todos da Ordem acreditariam. Assim seguiriam enganando a todos, dizendo que podem roubar pensamentos.

Totóla – E os cérebros?

Quim – Não precisava perguntar isso...

Armando – Esses de agora não eram humanos. Eles usaram os cães abandonados que a Dona Mocinha da cantina recolhia de madrugada. Ela pegava os bichos pra cuidar, por amor, mas como a cabeça dela não é das melhores...

Peter – Eles roubaram alguns cães e...

Quim – Para! Já entendi.

Música. Mudança de cena.

Cena 10

Quim (*narrando. Anuncia solene*) – Epílogo: Como enfrentar os Coelhos Gigantes!

Léo (*narrando*) – O Quim vive dizendo que eu tenho mania de linkar as coisas, que uma coisa sempre tem que ter a ver com a outra, que sou muito desconfiada.

Em cena Léo, Quim e Peter.

Peter – O Wesley foi pego... O Professor Wilson e o pessoal da diretoria também... Mas a Marta e o JotaBraga... Esses conseguiram fugir.

Entra JotaBraga com uma arma na mão e aponta para Léo.

JotaBraga – Eu devia desconfiar que você me daria trabalho.

Léo – Eu?

JotaBraga – Igualzinha!... Sabe que sua mãe também complicou minha vida?...

Léo – Minha mãe?...

JotaBraga – Você é metida a esperta que nem ela, né?

Léo – Eu me lembro... Você é o cara que foi na minha casa quando eu era pequena...

JotaBraga – Sua mãe se meteu onde não devia... Que nem você.

Léo – É isso!... Você é o cara que estava na estrada e veio falar com a vó Laila...

Quim – Que história é essa, Léo?

Léo – Eu era muito pequena... Esse cara veio em casa e falou que viu tudo... que viu o acidente. Você matou minha mãe?

JotaBraga – Nunca! Foi acidente.

Quim – Mas sua mãe não morreu de uma doença?...

Léo – Isso é o que a vó Laila me contou... Claro! Ela não queria que eu fosse atrás da verdade.

JotaBraga – Sua mãe começou na mesma agência que eu... Não posso negar, ela era muito inteligente. Só que para cada ideia que eu tinha, ela tinha uma melhor. Sempre as ideias dela eram melhores.

Léo – Isso não é razão para se matar alguém...

JotaBraga – Ela roubava as minhas ideias, os meus pensamentos...

Léo – Roubava? Você falou que as ideias dela eram melhores que as suas...

JotaBraga – É isso que você não entende. Eu teria aquelas ideias dela, se ela não tivesse sempre na minha frente.

Léo – Quê?

JotaBraga – Ela não me dava espaço para eu pensar... Eu era melhor! Eu tinha que me impor de algum jeito, passar na frente, mostrar que eu teria ideias melhores que ela! Ela não podia mais roubar meus pensamentos! Não podia!

Léo – Você matou minha mãe porque ela tinha mais ideias que você?

JotaBraga – Existe um trecho da bíblia que eu adoro. Escrito pelo apóstolo João, que pergunta assim: “Que é a verdade?” E eu vou evitar que contem tantas histórias para você e que você siga buscando algo sobre a tal verdade. Sabe por quê? Porque para essa pergunta não existe resposta. Nem Jesus, nem Deus, nem o pobre apóstolo João ousariam uma resposta. E eu vou te ajudar: você vai morrer sem poder buscar a resposta.

Na hora em que vai atirar, Quim avança contra JotaBraga, desviando o tiro e derrubando-o no chão. Peter chuta a arma de JotaBraga desarmando-o.

Léo (*narrando*) – Até hoje eu não acredito que o Quim fez aquilo. Empurrou o cara e derrubou! Me salvou!...

Quim (*narrando*) – Fiz, porque eu amo a Léo.

Léo (*narrando*) – Ele era o maior medroso.

Quim (*narrando*) – Não podia deixar aquilo acontecer. Pela Léo, eu enfrentaria todos os cavaleiros do mundo!

Léo (*narrando*) – Só que o JotaBraga conseguiu escapar. A polícia procura ele até hoje. Dizem que foi para Lisboa. Usou um passaporte falso e se fez passar por um primo que já tinha morrido. Sei lá.

Quim (*narrando*) – Já a Marta disse que se arrependeu, que estava só pensando na grana, que quando soube que iam cortar nossas cabeças, ela entendeu que nada daquilo fazia sentido...

Léo (*narrando*) – Como ela ainda é menor, acabou escapando.

Quim (*narrando*) – Mas não mudou muito, não.

Em cena Marta e Paula.

Marta – Furou meus olhos, né? A Júlia ainda é minha.

Paula – Sua?... Mulher agora é propriedade?... Não te entendo. Você quer parecer descolada, mas pensa com uma cabeça do século passado...

Marta – Qual é, garota?...

Paula – Você trata meninas como se fosse o pior dos homens, o mais cafajeste.

Marta – Ih, a garotinha *looser* resolveu bater asinhas?... Viu como assumir te fez bem?

Dá licença!

Paula – Sabe, Marta, eu sempre soube que você era uma reacionária.

Marta – Sou o quê?... Que isso quer dizer, garota? Vai me tirar com essas palavrinhas metidas?

Paula – Vou. Vou tirar, sim. Você merece.

Marta – Você tem inveja, porque você é uma invisível!

Paula – Você é que não dá conta de ser o que gostaria de ser.

Marta – Eu sou especial! Você não é nada!

Paula – Não. Você tenta fazer de tudo pra ser especial... E é só uma maucaráter!... Me explica: qual é problema da pessoa querer ser comum? A maioria das pessoas vive uma vida comum, a maioria das pessoas tem caráter. Neste seu caso, ser especial pode não ser grande coisa.

Marta – São todos sem atitude! Que nem você, babaca!

Paula – E você acha que está mudando alguma coisa com esse seu egoísmo? Olha aqui, para minha vó ser especial é fazer um bolo gostoso pros netos e ver a gente crescer. Esse papo de especial é pura enganação.

Marta – Sei. A boazinha quer ter uma vidinha de fazer bolo, né?...

Paula – Se me fizer feliz, não vejo problema. Melhor que se fingir de “a insatisfeita com tudo” e aceitar a vida como ela é. É isso! Você aceita a vida como ela é. Você finge um estilo que você comprou. Não é seu! Tudo aí é comprado!

Marta – Garota, você não sabe nada do que é ser radical!

Paula – É bom ser radical, viu Marta. Mas, radical de verdade. Eu sou mais radical que você. Radical vem da raiz, de se manter firme em algum princípio. E qual é o seu princípio? Se dar bem? Passar por cima dos outros?

Marta – Que é que tem? O mundo não é assim? Não é isso que querem da gente?

Paula – Isso mostra como você é boba. Acreditando em tudo. Vivem dizendo esse mantra de que a gente deve ser especial. Só que isso é bem individualista, uma coisa totalmente egocêntrica.

Marta – Egoísta é você!

Paula – Olha só, a assumida, fingindo ter atitude. Essa sua roupa, seu cabelo são só um jeito de esconder que você não pensa por você mesma. Que coisa mais velha!

Léo (*narrando*) – Não teve como evitar. A Marta deu um soco na cara da Paula. Bem na hora em que a Júlia chegou.

Júlia entra e acolhe Paula.

Júlia – Vai embora, Marta!... Some daqui pra sempre!... Não basta o que você fez com todo mundo? Vai embora! Vai!

Marta encara Júlia e Paula por um tempo e sai.

Léo (*narrando*) – Foi tudo muito rápido. Não tinha dado para entender nada ainda. Nem sei se é para entender. Sei lá.

Quim (*narrando*) – Fiquei feliz que o Peter entrou na Facu. Mas ele anda sumido. A gente só se fala pelo Face. Depois daquilo tudo, eu, o Miguel e o Totóla ficamos ainda mais amigos.

Totóla – A comunidade escolar agora nos acha somente um pouco desprezíveis!

Miguel (*risada e*) – Tranquilo! Tranquilinho!

Léo (*narrando*) – O “Eco Delirante” melhorou muito!...

Beatriz – Léo, vamos na casa da Júlia?

Berenice – E se gente fosse na casa da Júlia, hein, Léo?

Quim – Não sei, Léo... Ainda fico assim pensando: será que podem roubar nossos pensamentos?

Léo – É. O mundo tá cheio de gente querendo roubar tudo que é dos outros. Por que não roubariam também pensamentos?

Léo (*narrando*) – Meninas veem as coisas de um jeito diferente. Não adianta explicar. Eu senti um alívio de saber melhor a história de minha mãe. Isso me fez pensar em ser mãe também um dia. Todas as tardes passo na casa da Júlia para ver o bebê dela. Tão lindo. Espero que ele cresça bem... Com suas próprias ideias...

Quim – Desde que tudo aquilo aconteceu com a gente, também vi que as coisas sempre podem ser diferentes. Percebi quando o coelho gigante chegou pelas minhas costas tentando passar na frente para pegar o 743. Antes de subir no ônibus, assim rapidamente, tirei o corpo. Deixei o coelho grande subir na minha frente. Acho que ele nem percebeu, tão dono do mundo que ele acha que é. Não é que eu tive medo... Não é isso. Não quis reagir sem pensar. Afinal, sou mais esperto que ele... Depois, vendo aquele coelho enorme sentado espremido no banco, tive vontade de rir da cara de bobo dele. Pensei em fazer uma piadinha para que todos rissem daquelas orelhas dobradas no teto e de sua cara de quem não tem sonhos, de quem não espera nada do futuro. Percebi que seu fizesse isso seria uma humilhação para ele. E continuei olhando para ele, o caminho inteiro, com a certeza de que eu, com minha imaginação, teria muito mais que ele por toda a vida.

Fim.